

CHARGE: HISTÓRIA E CONCEITO

Marcelo Romero*

RESUMO

Este artigo objetiva identificar os elementos que permitam elaborar um conceito de charge resultante, essencialmente, da análise do processo histórico que contribuiu para o seu surgimento. Em virtude da utilização dos termos charge e caricatura de maneira indistinta por vários estudiosos que se debruçaram sobre o assunto, a metodologia erigida assentou-se em procedimentos orientados para a comparação dos significados historicamente atribuídos aos referidos vocábulos. Com isso, foi possível delinear o conceito de charge por meio dos componentes que a distinguem da caricatura e demonstrar que o processo histórico que as originou contém os indícios capazes de explicar tanto a indeterminada utilização desses termos, quanto os aspectos que dotam a charge das peculiaridades que lhe são intrínsecas, a saber, o seu pertencimento ao gênero jornalístico e o objetivo precípua da crítica política.

Palavras-chave: Conceito de charge. Caricatura. Crítica política.

1. INTRODUÇÃO

Embora as controvérsias a respeito da definição de charge alimentem-se, em alguma medida, da inexistência da palavra no léxico espanhol, e os problemas de ordem semântica sejam responsáveis por boa parte das dissidências que cercam a questão, esses não são os únicos motivos para a explicação das dificuldades a respeito. Convém não minimizar, entretanto, a complexidade que o aspecto semântico adquiriu nas discussões acerca da definição de charge. Apesar de muitos analistas relacionarem o termo à técnica da caricatura, ele nem sempre esteve associado à última, como atualmente se verifica.

A associação procede, em parte, do significado que se imputa ao vocábulo nos léxicos inglês e francês. Sinônimo de carga (MOTTA, 2006, p. 15), charge expressa a noção de exagero, a disposição do artista em carregar no traço (distorcer) ao retratar

* Doutorando em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) na linha de pesquisa Poder, Mercado e Trabalho. Docente do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: mromerobr@gmail.com

alguém, principal aspecto apontado por Gombrich (2012, p. 190; 2007, p. 290; 1999, p. 134; 1938) à técnica inaugurada pelos irmãos Carracci no século XVII e aos quais se atribui o surgimento da caricatura moderna¹.

2. AS CARACTERÍSTICAS DA CARICATURA MODERNA

Em 1664, Annibale e Agostinno Carracci publicaram um conjunto de retratos² “dos tipos populares de Bolonha” (GAWRYSZEWSKI, 2008, p. 9). Ao batizar seus desenhos de *ritrattini carichi*, “expressão baseada no verbo italiano *caricare*, que quer dizer carregar” (NERY, 2006, p. 28), “exagerar, aumentar de coisas e atos além da medida” (MIANI, 2012, p. 38), Annibale firmou a elocução que se relacionaria ao significado atual do vocábulo charge³.

Figura 1



Fig. 1.

Fonte: GOMBRICH; KRIS, 1938.

¹ Sobre a atribuição da origem da caricatura moderna aos Carracci conferir: Magno (2012, p. 15); Miani (2012, p. 38); Arrigoni (2011, p. 2064); Grudzinski (2009, p. 1); Gawryszewski (2008, p. 9); Gombrich (2007, p. 290); Motta (2006, p. 15); Nery (2006, p. 28-29) Abreu Sojo (2001c); Lima (1963, p. 6).

² Ver figura 1.

³ Além de Motta (2006, p. 15), relacionam o significado à charge: Gawryszewski (2008, p. 9), Teixeira (2005), Riani (2002), entre outros.

Junto ao exagero figuraria o tom jocoso assumido pelo retrato em virtude da caracterização do modelo de forma distorcida, conforme sugeriu Gombrich (2007, p. 290) ao citar a definição de Filippo Baldinucci, de 1681. Tal prática demonstrava, contudo, que a intenção do artista em representar exageradamente os traços físicos do retratado voltava-se, antes, para o objetivo de revelar as fraquezas do seu caráter. De acordo com o historiador,

[...] Por volta do século XVII, a tarefa do pintor de retratos era revelar o caráter, a essência do homem em um sentido heróico. O caricaturista tem um objetivo correspondente. Ele não busca a forma perfeita, mas a deformidade perfeita, penetrando, assim, através da mera aparência, no interior do ser em toda a sua pequenez ou feiúra. (GOMBRICH, 1938).¹

Herman Lima (1963) valeu-se da inferência de Lionello Venturi que, a respeito do trabalho de Goya, também alerta sobre o fato da origem da caricatura – embora umbilicalmente relacionada à noção de exagero – não estaria, necessariamente, ligada ao riso. Para ele, ainda que o cômico estivesse presente, seria imprescindível reconhecer, por outro lado, que a sua origem se aproximava, essencialmente, do método da caracterização. Assim, “pelo final do século XVIII, observou-se que o conceito estava se aproximando cada vez mais do cômico, mas também se reconheceu que o motivo original era o ‘característico’” (VENTURI apud LIMA, 1963, p. 7).

Ao duplo sentido do significado da técnica – caracterização exagerada e “às vezes” zombeteira, de acordo com Baldinucci, mas sem que esteja “necessariamente dotada de espírito cômico”, segundo Venturi –, Laura Nery (2006, p. 29) acrescentou que “[...] a palavra italiana, *carattere*, no sentido de caráter ou tipo humano, é também apontada como fonte para a escolha do termo caricatura [...]”, seja em virtude da sonoridade da sua pronúncia ou “[...] pelo próprio sentido, uma vez que a caricatura essencialmente busca desmascarar seu modelo e revelar seu caráter [...]” (NERY, 2006, p. 29).

Acerca da última consideração aventada por Nery, presente também em Gombrich (2007; 1938), de que a caricatura tem por finalidade “desmascarar” o caráter da pessoa retratada, Herman Lima (1963) ponderou que o intuito se erige também em favor da caracterização ativa, qual seja aquela preocupada em exagerar os traços físicos do

¹ Tradução livre do autor do trecho original reproduzido a seguir: *By the seventeenth century the portrait painter's task was to reveal the character, the essence of the man in an heroic sense. The caricaturist has a corresponding aim. He does not seek the perfect form but the perfect deformity, thus penetrating through the mere outward appearance to the inner being in all its littleness or ugliness.*

retratado de modo a fazer sobressair as qualidades da sua personalidade, não os seus defeitos.

Lima exemplificou tal acepção ao aludir à macrocefalia utilizada para a representação hiperbólica da “inteligência superior” de Rui Barbosa, elaborada pela primeira vez, em 1903, pelo caricaturista português Alfredo Cândido, em *A Larva*, e que se tornou recorrente para a menção ao bacharel. Nas palavras do autor, em algumas ocasiões, “[...] é preciso ainda admitir que a acentuação do ‘característico’ [...] a própria deformação intencional, não sejam mais do que o reconhecimento de alguma particularidade superior” (LIMA, 1963, p. 7).

A caracterização intencionalmente exagerada foi, portanto, elemento definidor da caricatura desde o seu surgimento no século XVII. Podia apresentar-se como veículo ora da crítica zombeteira, ora da caracterização elogiosa, em função do duplo sentido do significado presente na técnica, pois, a respeito disso, não há consenso. Decerto que, seja qual for o sentido imputado à técnica, a prática da caracterização exagerada não se atém apenas à descrição física, mas tem, no objetivo precípua de desvelar o caráter da pessoa retratada, a finalidade de explicitar os aspectos da sua personalidade, sejam eles positivos ou negativos.

3. CRÍTICA POLÍTICA E ATIVIDADE PANFLETÁRIA NA EUROPA MODERNA

Segundo Laura Nery (2006, p. 31), a partir da virada do século XVII para o XVIII, ocorreu a difusão da caricatura na Europa, por meio dos trabalhos de artistas como Bernini (França) e Ghezzi (Roma e Inglaterra) e em decorrência de “[...] uma tradição de propaganda política através de peças gráficas” que já se fazia presente em “atividades panfletárias” datadas dos séculos XVI (Inglaterra) e XVII (Holanda e França). Foi no bojo dessa tradição – que remonta ao período da Reforma Protestante¹ – que o “*cartoon*” (GOMBRICH, 1938) foi utilizado pela primeira vez, na Inglaterra e na Holanda, em uma “campanha de propaganda” contra o reinado de Luís XIV (1643-1715).

¹ Ver Figura 2, anexada.

Figura 2



Fonte: GOMBRICH; KRIS, 1938.

Nas peças gráficas de caráter jornalístico – as quais Gombrich (1938) chamou de “*broadsides and cartoons*”, e Laura Nery (2006, p. 31) aproximou do vocábulo charge –, em que se tornavam públicas as críticas com temáticas políticas, diferentemente da caricatura, não havia a deformação dos traços do retratado. Discrepância que, talvez, se explique em função da necessidade em se explicitar ao máximo a pessoa que se desejava atacar, já que as representações faziam parte de uma estratégia de natureza política. Nas palavras de Gombrich (1938),

Os exemplos que são preservados dos países do Norte [...] não mostram a distorção do rosto, mas as tentativas grosseiras de semelhança real. A figura mostrada na forca é um 'retrato' ¹, mas não é feita nenhuma tentativa de transformá-lo em uma nova forma. Atributos simples servem ao propósito, que mais tarde servirão à caricatura.² (GOMBRICH, 1938, ?)

¹ Ver Figura 3, anexada.

² Tradução livre do autor do trecho original reproduzido a seguir: *The examples which are preserved from Northern countries [...] show no distortion of the face, but crude attempts at real likeness. The figure shown on the gallows is a 'portrait', but no attempt is made to transform it into a new shape. Simple attributes serve the purpose which later on is served by caricature.*

Figura 3



Fonte: GOMBRICH; KRIS, 1938.

Dessa forma, nas peças gráficas que, no final do século XVII e início do XVIII, endereçavam suas críticas ao Rei Sol,

[...] a técnica da caricatura não era aí aplicada, pois o objetivo não era a distorção ou o exagero da aparência do rei. O cartum e a caricatura eram formas distintas de representação, sendo o primeiro um gênero jornalístico, e a segunda, uma expressão artística (NERY, 2006, p. 31).

Pode-se afirmar, assim, que a charge diferia da caricatura por ter sua origem ligada, essencialmente, à crítica política. Produzida como peça gráfica de propaganda panfletária acerca de disputas e conflitos políticos, depreende-se que outro dos seus objetivos fosse a sua difusão pública, posto que relacionada ao gênero jornalístico. Mais um aspecto distintivo, nesse período, reside em não se ocupar da caracterização exagerada e intencionalmente deformante e, menos ainda, da caracterização altiva, ambas próprias da caricatura.

4. A APROXIMAÇÃO SEMÂNTICA ENTRE CHARGE E CARICATURA

O vocábulo charge será referido à técnica inaugurada pelos irmãos Carracci somente a partir de meados do século XVIII. Foi nesse contexto que emergiram as primeiras formas de aproximação semântica entre charge e caricatura. Lacombe define

caricatura no *Dictionnaire portatif des beaux-arts*, de 1750, como “[...] desenho pelo qual entende-se (sic) uma charge-retrato cujos defeitos naturais são aumentados de maneira tal que encontra-se (sic) a semelhança da pessoa que se pretendeu ridicularizar”. O mesmo se observa nas definições do *Dicionário Crítico da Língua Francesa* (1787-1788), cuja aproximação semântica se construiu ao apresentar a palavra charge como pleonasma de caricatura; e do *Dicionário da Academia Francesa*, de 1798, que a qualifica como uma “arte imitativa” (NERY, 2006, p. 32-34).

Em tais acepções, charge é o mesmo que caricatura. Esta, inclusive, passa a ser concebida sem o duplo sentido atribuído à técnica no século anterior. Desaparecem a caracterização como “motivo original” e a possibilidade de essa prática se realizar em favor do enaltecimento das qualidades do retratado e, até mesmo, a finalidade em se desvelar o caráter do modelo representado. Subsiste apenas a noção da caracterização exagerada que tenciona a crítica jocosa. O que se acrescenta, diante das definições do século XVII, é a qualificação de expressão artística.

Chama a atenção, no entanto, a definição de charge publicada na Enciclopédia de Diderot e D’Alembert, em 1751, na qual o termo figura em um verbete à parte, separado do de caricatura. Nele, charge:

É a representação, sobre tela ou papel, por meio de cores, de uma pessoa, ação, ou mais geralmente, um tema, na qual a verdade e a semelhança exatas são alteradas apenas pelo excesso do ridículo. A arte consiste em desmanchar o preconceito real ou de opinião já presente, e em levar pela expressão até o ponto máximo de exagero no qual ainda se reconhece a coisa, e a partir do qual não seria reconhecida; é aí que a charge é a mais forte possível (apud NERY, 2006, p. 33).

Ainda que permaneça a aproximação com o significado de caricatura, o verbete sobre a charge na Enciclopédia amplia e transmuta as definições dicionarizadas em vários pontos. Além do retrato pessoal, o termo, aqui, também se refere a uma ação ou a um tema, o que, certamente, é a maior diferença quanto às vinculações semânticas referidas anteriormente. Em primeiro lugar, porque, ao assegurar também – por meio da expressão “mais geralmente” – a faculdade de abordar principalmente temáticas, recupera, de certo modo, o vínculo com o conteúdo político, peculiar à charge no século XVII.

Outras inovações foram, por um lado, a menção ao “excesso do ridículo”, pertinente à caricatura e que, agora, passou a imbuir a charge da caracterização pela deformidade intencional que conduz ao riso. Nela, todavia, a técnica encerrou-se de

maneira singular, já que a muniu da habilidade em potencializar o exagero até o seu limite. Por outro lado, o verbete atribuiu-lhe a prerrogativa de interceder junto à opinião pública, ao “desmanchar o preconceito real ou de opinião já presente”, remetendo-a a sua qualidade de gênero jornalístico e de expressão da atividade panfletária. Mais um aspecto aludido diz respeito ao suporte material em que se produzia a charge, “sobre tela ou papel, por meio de cores”.

O contato semântico entre charge e caricatura no século XVIII – que expressou a transformação e a ampliação arrogadas à definição da primeira, ao mesmo tempo em que anunciou a restrição das prerrogativas da última – corrobora a perspectiva de Gombrich (2013, p. 201) sobre a interseção entre ambas nesse período. Para o autor,

[...] o retrato caricatural, conforme estabelecido por Carracci e Bernini, atingiu seu ponto culminante como uma arma social somente quando entrou nos reinos destas peças gráficas e cartuns. Esta evolução começou na Inglaterra durante o século XVIII [...]. E, a partir de uma brincadeira de estúdio, a caricatura tornou-se uma das mais temidas armas sociais, desmascarando a pretensão e matando-a pelo ridículo (GOMBRICH, 2013, p. 201).¹

O resultado dessa interseção pode ser compreendido, analogamente, como a imersão do retrato caricatural na tradição das campanhas políticas – cuja origem remete à tradição panfletária do século XVII – resultando na sua incorporação à charge que, a partir do século seguinte, subsumiu a caricatura como elemento característico de sua crítica política, agora interessada também em provocar o riso.

Muito da condição de poderosa e temida “arma social” adquirida pela charge nesse contexto se deve à incorporação da deformação intencionalmente zombeteira, já presente na caricatura. Tal recurso potencializou a crítica política intrínseca à charge, pois o auxílio ao riso é um dos mais poderosos atrativos de que um argumento pode valer-se. O riso, por um lado, desqualifica o oponente político, coloca-o em uma situação desconcertante, submete-o à humilhação derrisória. Por outro, eleva quem o provocou à condição de pessoa com quem o leitor pode, no mínimo, simpatizar e, no limite, tornar-se cúmplice da sua crítica.

Provocar o riso intensifica o processo de apropriação da mensagem do desenhista, facilita-o, contribui para a sedução do leitor em favor do ponto de vista de quem profere a

¹ Tradução livre do autor do trecho original reproduzido a seguir: [...] *portrait caricature, as established by the Carracci and Bernini, reached its culmination as a social weapon only when it entered the realms of these broadsides and cartoons. This evolution began in England during the eighteenth century [...]. And, from a studio joke, caricature has developed into one of the most feared of social weapons, unmasking pretension and killing it by ridicule.*

narrativa. Mais ainda, torna o primeiro substancialmente menos resistente e mais afeito à crítica elaborada pelo último, favorecendo a conformação do comportamento político de indivíduos ou grupos sociais capazes de se identificar com o sentido do julgamento presente no discurso do artista.

Foi no âmbito do contexto histórico em que se realizou a incorporação da comicidade hiperbólica pela charge que se estabeleceu o que o historiador Rodrigo Patto Sá Motta designou como “o amadurecimento da caricatura política” na Inglaterra. Nesse momento, foram estabelecidos “os parâmetros básicos do desenho cômico” (2006, p. 16), no interior do qual a charge passará a figurar.

5. CONCLUSÃO

Desse modo, a aproximação semântica entre charge e caricatura indicou, historicamente, o momento em que o retrato caricatural se tornou elemento constitutivo da charge, ampliando o escopo dos objetivos da sua crítica política que, a partir do século XVIII, assumiu o viés da comicidade. Outro elemento incorporado pela charge foi a prática da deformação exagerada, inexistente nas peças gráficas da tradição panfletária do século anterior.

A assimilação da técnica caricatural como um recurso a ser utilizado na crítica política enunciada pela charge reforçou a dimensão pública derivada do seu pertencimento ao gênero jornalístico. A inclusão da comicidade presente no retrato caricaturado ampliou a capacidade de intervenção da charge na cena política¹, difundindo a representação daquele que se constituía em objeto de sua crítica a ponto de “[...] oferecer uma interpretação visual de uma fisionomia que desde então não conseguimos esquecer e que a vítima sempre carregará consigo como um homem enfeitiçado” (GOMBRICH, 2007, p. 292), alçando tal representação a uma percepção “[...] mais verdadeira do que a própria realidade” (GOMBRICH, 1938).

A interseção entre charge e caricatura reiterou, assim, à crítica política a vocação da primeira, tornando-a infensa; por outro lado, à caracterização elogiosa, prerrogativa ainda facultada à última nos dias de hoje.

¹ Além de Gombrich, entre os autores contemporâneos que inferem acerca da capacidade da charge em intervir no debate político, estão: Gawryszewski (2008), Motta (2006), Teixeira (2005), Miani (2005), entre outros.

Dessa forma, a conotação assumida pela charge no momento da sua aproximação semântica com a caricatura introduziu-a na trajetória da comicidade, ainda hoje percorrida, por meio dos vetores do exagero e da crítica derrisória. Transformou-a em poderoso arsenal político, cuja mira passou a fixar especialmente governantes e personalidades públicas. Esse contato não subsumiu, todavia, suas particularidades perante a técnica do retrato caricaturado. O pertencimento ao gênero jornalístico e o objetivo precípua da crítica política mantiveram-se como aspectos distintivos da charge.

CHARGE: CONCEPT AND HISTORY

ABSTRACT

The present essay aims to identify elements that allow elaborating a resulting concept of *charge*, essentially, from the analysis of the historical process that contributed to its appearance. Due to the indistinct use of the terms *charge* and *caricature* by several scholars who dedicate themselves to the subject, the chosen methodology relied on procedures guided to comparing meanings historically attributed to the terms. As such, it was possible to outline the concept of *charge* by means of the components that distinguish it from caricature and to demonstrate that the historical process that originated them contains evidence capable of explaining both the indeterminate use of such terms and the aspects that give the *charge* its intrinsic peculiarities, such as its belonging to the journalistic genre and the core goal of political criticism.

Keywords: Concept of *charge*. Caricature. Political criticism.

REFERÊNCIAS

GAWRYSZEWSKI, Alberto. Conceito de caricatura: não tem graça nenhuma. **Revista Domínios da Imagem**, Londrina, n. 2, p. 7-26, maio 2008.

GOMBRICH, Ernest Hans. **Os usos das imagens**. Porto Alegre: Bookman, 2012.

_____. **Arte e ilusão**: um estudo da psicologia da representação pictórica. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

_____. O arsenal do caricaturista. In: _____. **Meditações sobre um cavalinho de pau**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. p. 127-142.

_____; KRIS, Ernest. The principles of Caricature. **British Journal of Medical Psychology**, v. 17, p. 319-342, 1938. Disponível em: <<http://gombricharchive.files.wordpress.com/2011/05/showdoc85.pdf>>. Acesso em: 23/07/2013.



LIMA, Herman. **História da caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. vol. 1.

MIANI, Rozinaldo Antônio. Charge: uma prática discursiva e ideológica. **9ª Arte**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.37-48, 2012.

MOTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango e o golpe de 1964 na caricatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

NERY, Laura M. **Caricatura**: microcosmo da questão da arte na modernidade. 2006. Tese (Doutorado em História)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/9068/9068_1.PDF>. Acesso em: 09 jun. 2013.